

Conhecimento de estudantes sobre infecções sexualmente transmissíveis

Students' knowledge about sexually transmitted infections

DOI:10.34119/bjhrv6n2-141

Recebimento dos originais: 24/02/2023

Aceitação para publicação: 24/03/2023

Adjanny Estela Santos de Souza

Doutora em Genética e Biologia Molecular (UFPA)

Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA) – Campus XII

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399, Aparecida, Santarém - Pará

E mail: adjannyestela@hotmail.com

Alana Carla Sousa Carvalho

Graduanda em Medicina

Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA) – Campus XII

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399, Aparecida, Santarém - Pará

E-mail: alanacarla2016@gmail.com

Carlos Eduardo Amaral Paiva

Residente em Atenção a Oncologia

Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA) – Campus XII

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399, Aparecida, Santarém-Pará

E-mail: amaralpaiva98@gmail.com

Matheus Sallys Oliveira Silva

Residente em Atenção Integral a Ortopedia e Traumatologia

Instituição: Universidade do Estado do Pará (UEPA) – Campus XII – Santarém-Pará.

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399, Aparecida, Santarém - Pará

E-mail: uzumaki.matheus@gmail.com

Rafaela Souza Viana

Graduanda em Odontologia

Instituição: Universidade da Amazônia (UNAMA) – Santarém - Pará

Endereço: Rua Rosa Vermelha, 335, Aeroporto Velho, Santarém - Pará

E-mail: rrafaelasouzaviana@gmail.com

Tiago Sousa da Costa

Residente em Neonatologia

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Endereço: Rua Universitária, 1619, bairro Universitário, Cascavel - Paraná

E-mail: fisiotiagocosta@gmail.com

RESUMO

O objetivo do estudo foi verificar o conhecimento de estudantes sobre infecções sexualmente transmissíveis (IST), e realizar atividades lúdico-educativas como estratégia de conscientização. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa de intervenção, ocorrida em três etapas: 1. apresentação do projeto e aplicação de um questionário; 2.

sensibilização; 3. realização de atividades lúdico-educativas. Os participantes foram estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental e do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) fundamental e médio, totalizando 324 estudantes. Responderam ao questionário 126 estudantes; 53,2% (67) eram do sexo masculino; 65,1% (82) encontravam-se na faixa etária de 15-20 anos de idade. Embora 58,7% tenham assinalado saber o que é IST, apenas 50% assinalaram a opção correta quanto à forma de transmissão. Constatou-se que os participantes da pesquisa têm conhecimento limitado sobre as formas de transmissão de IST. As escolas necessitam de ações de educação em saúde com atividades dinâmicas, pois nem sempre o tema IST é tratado de forma adequada, uma vez que é cercado de tabus, gerando constrangimentos.

Palavras-chave: infecção sexualmente transmissível, conhecimento, educação, prevenção, promoção à saúde.

ABSTRACT

The objective of the study was to verify the students' knowledge about sexually transmitted infections (STI), and to perform playful-educational activities as a strategy to raise awareness. This is a descriptive study, with a quantitative approach of intervention, which occurred in three stages: 1. presentation of the project and application of a questionnaire; 2. sensitization; 3. performance of ludic-educational activities. The participants were students from the 8th and 9th grades of elementary school and from the Youth and Adult Education Program (EJA), totaling 324 students. The questionnaire was answered by 126 students; 53.2% (67) were male; 65.1% (82) were between 15-20 years old. Although 58.7% indicated that they knew what STIs were, only 50% indicated the correct option regarding the form of transmission. It was observed that the research participants have limited knowledge about the transmission of STIs. Schools need health education actions with dynamic activities, because the STI theme is not always dealt with properly, since it is surrounded by taboos, generating embarrassment.

Keywords: sexually transmitted infection, knowledge, education, prevention, health promotion.

1 INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) são consideradas problemas de saúde pública, mundialmente, principalmente em países subdesenvolvidos. Isso ocorre principalmente devido a carência de medidas de prevenção e controle, que implicam diretamente no número de novos casos e na mistificação da doença. A mistificação das IST faz com que as pessoas evitem buscar assistência de saúde por receio de julgamentos, vergonha e falta de conhecimento sobre este tipo de doença (NEWMAN *et al.*, 2015).

Infecções sexualmente transmissíveis podem ser definidas como doenças causadas por microrganismos tais como vírus, fungos, bactérias e protozoários, transmitidas principalmente por via sexual. Estas doenças, em sua maioria, manifestam-se na região genital dos infectados de ambos os sexos, ou ainda em outras partes do corpo. Podem também não apresentar

manifestações clínicas, possuem um alto índice de disseminação e podem causar graves danos à saúde do indivíduo (SILVA *et al.*, 2017).

No Brasil o número de casos de IST na população sexualmente ativa entre 15 e 49 anos aumentou significativamente e observou-se um crescimento de 29% dos casos de infecção pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). Estes números podem ser maiores, considerando que apenas o HIV, HPV (Papiloma Vírus Humano), hepatite C e sífilis são doenças de notificação compulsória, e que as IST podem ser assintomáticas. Atualmente o Estado do Pará é o segundo estado do país com maior número de mortes causadas pelo HIV (BRASIL, 2019).

Entre os fatores que contribuem para o aumento da vulnerabilidade às IST, está a desinformação da população, principalmente adolescentes e jovens, que estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo, a multiplicidade de parceiros e a não utilização de preservativos nas relações sexuais, concomitante a uma maior liberdade sexual e ao consumo de álcool e outras drogas (BARRETO e SANTOS, 2009; CABRAL *et al.*, 2016).

Por serem doenças de fácil transmissão, e algumas assintomáticas, o portador não sabe em muitos casos que a possui e transmite para outra pessoa ao realizar sexo sem preservativo.

Quanto ao aumento da incidência da infecção pelo HIV, um dos fatores apontados como responsável, é a banalização do vírus, uma vez que apesar de não ter cura, muitos veem o uso do coquetel antirretroviral como uma forma de atenuação dos sintomas. Isso é evidente no relatório feito pelo Ministério da Saúde em 2015 em que 21,3% dos novos casos de HIV se concentrou na faixa etária entre 13 e 24 anos (BRASIL, 2015).

A vulnerabilidade dos jovens evidencia a ineficiência de políticas públicas de saúde voltadas para os estudantes (CAMARGO *et al.*, 2010), assim como a ausência da família na discussão sobre o tema.

Nas escolas é essencial a implementação de atividades de educação em saúde de forma dinâmica, como estratégia de conscientização, que visem abordar a população mais jovem. O esclarecimento sobre as formas de contágio, sintomas e tratamento contribui para a adoção de medidas simples e eficazes de autopreservação (MACIEL *et al.*, 2017; SILVA *et al.*, 2020).

Este estudo tem como objetivo verificar o conhecimento de estudantes sobre infecções sexualmente transmissíveis.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa de intervenção, realizada em quatro instituições públicas de ensino de Santarém-PA. O projeto foi autorizado pela 5ª URE (Unidade Regional de Educação), órgão vinculado à Secretaria de Estado de Educação

(SEDUC-Pará). Os participantes foram estudantes do 8º e 9º ano do ensino fundamental e estudantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) Fundamental e Médio, totalizando 324 estudantes.

O desenvolvimento da pesquisa nas escolas se deu em três etapas:

1ª. Etapa: Apresentação e aplicação de um questionário – consistiu na apresentação do projeto e aplicação de um questionário para verificar o conhecimento dos estudantes sobre infecção sexualmente transmissível. O questionário utilizado foi baseado no método CAP (conhecimento, atitude e prática) (OLIVEIRA *et al.*, 2020), com modificações. O método CAP tem sido utilizado por epidemiologistas para mensurar o nível de conhecimentos, atitudes e práticas preventivas em saúde. Particularmente, avalia o entendimento de uma população, relacionado a práticas preventivas em saúde (MÉDICINS DU MONDE, 2019).

Quanto ao conhecimento sobre as formas de transmissão de doenças, foi perguntado: “Qual ou quais doenças uma pessoa pode ser infectada ao ser picada por um inseto, como mosquito ou carapanã; ao usar banheiros públicos; ao compartilhar seringa ou agulha com outra pessoa; ao não usar preservativos em relações sexuais”. Também foi perguntado sobre a existência de cura. As opções de respostas foram: Aids; sífilis; hepatite; dengue; malária; gonorreia; nenhuma. As respostas foram categorizadas como: acertou completamente (quando assinalava todas as opções corretas); acertou parcialmente (quando assinalava pelo menos uma das opções corretas); errou (quando assinalava todas as opções erradas).

Quanto ao conhecimento sobre a transmissão do HIV, foram feitas as afirmações: é possível reduzir o risco de transmissão do HIV se uma pessoa tiver relações sexuais com parceiro fiel e não infectado; uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada pelo HIV; usar preservativo é a melhor maneira de evitar que o HIV seja transmitido durante a relação sexual; uma pessoa pode ser infectada com o HIV compartilhando talheres, copos ou refeições; uma mulher grávida que esteja com HIV e recebe tratamento durante a gravidez diminui o risco de passar o HIV para o seu filho. As opções de respostas foram: concordo; discordo; não sabe.

Quanto ao conhecimento sobre transmissão de IST, foram feitas as seguintes perguntas: você sabe o que são infecções sexualmente transmissíveis? As opções de resposta eram sim ou não; como é possível pegar (contrair) alguma IST? As opções de resposta eram: compartilhando a mesma toalha de banho; fazendo sexo sem proteção ou compartilhando seringas; bebendo água no mesmo copo que uma pessoa infectada; beijo; abraço

Quanto ao conhecimento sobre ocorrência de IST, as perguntas foram: você já teve alguma vez na vida alguns dos seguintes sintomas nos órgãos genitais? Opções de resposta:

não; corrimento; feridas; bolhas; verrugas; mais de um desses sintomas. Na última vez que você teve esses sintomas, você fez algum tratamento? Opções de resposta: sim; não; não lembra. Quem foi a primeira pessoa que você procurou quando teve um desses sintomas? Opções de resposta: pai/mãe; profissional de saúde (enfermeiro, farmacêutico, médico); amigo; não procurou atendimento. Que orientações você recebeu quando teve um desses sintomas? Opções de resposta: usar regularmente preservativo; informar aos parceiros; fazer teste de HIV; fazer teste de sífilis.

Quanto ao conhecimento sobre as IST, foram feitas as seguintes afirmações: todas as infecções sexualmente transmissíveis têm cura; a camisinha feminina não pode ser usada ao mesmo tempo com a camisinha masculina; nas relações sexuais desprotegidas se houver a presença de sangramento, como menstruação no momento do ato sexual, o risco de infecção pelo HIV aumenta; existe vacina para a prevenção das IST como Aids, sífilis e gonorreia; pílula anticoncepcional é um método eficaz que previne as IST. As opções de resposta eram: verdadeiro ou falso

Em relação à busca de informações sobre IST, foram questionados: você já pesquisou sobre IST? Qual o meio de obtenção de informações que você mais usa? Com opções: internet; jornal impresso; TV; livros; rádio.

2ª. Etapa: Sensibilização - utilizou-se os princípios da teoria de educação para adultos e adolescentes (DOAK *et al.*, 1995), mediante técnica de exposição oral, banner e folder. Nas sessões foram abordados os temas: principais IST, sinais e sintomas, importância do diagnóstico e formas de prevenção.

3ª. Etapa: Atividades Lúdico-educativas – imediatamente após a sensibilização foram realizadas atividades lúdico-educativas, tais como: força; imagem e ação; o que é, o que é; e metodologias para o trabalho educativo com adolescentes: nada vai acontecer comigo; cadeia de transmissão; contatos pessoais; negociando o uso de camisinha (batata quente); vestindo-se para festa (ABEN, s.d.).

Os dados da primeira etapa da pesquisa obtidos com a aplicação do questionário foram lançados em planilhas do *Excel* e processados por meio de recursos de estatística descritiva e inferencial, mediante a utilização do teste qui-quadrado do programa Bioestat® 5.3 (Ayres *et al.*, 2007), de modo a estabelecer a comparação entre as categorias das variáveis do estudo com adoção de $\alpha < 0,05$ para a significância estatística e intervalo de confiança (IC%) de 95%.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEPA- campus XII, conforme parecer 3.579.221 e CAAE 20368919.7.0000.5168, em conformidade com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao questionário 126 estudantes; 53,2% (67) eram do sexo masculino; 65,1% (82) encontravam-se na faixa etária de 15-20 anos de idade (Tabela 01). O processo de transformações por que passa o adolescente/jovem, aumenta a vulnerabilidade do mesmo a situações de risco, como gravidez precoce/não planejada, IST/Aids, acidentes, violência de várias formas, maus tratos, uso e dependência de drogas, evasão escolar, dentre outros problemas. A faixa etária dos jovens, é considerada a mais vulnerável para infecções de caráter sexual, uma vez que, cerca de dois terços dos casos são diagnosticados em indivíduos com menos de 25 anos de idade. Essa vulnerabilidade em parte se dá pelo fato de muitos iniciarem a vida sexual quando ainda apresentam pouco conhecimento sobre IST, tendo uma visão equivocada sobre o risco de transmissão (BRAVEMAN, 2000).

Tabela 01: Características Sociodemográficas dos participantes da pesquisa

Sociodemográficas	Participantes (n=126)		p-valor*
	n	%	
Gênero			< 0,5329
Feminino	59	46,8	
Masculino	67	53,2	
Faixa etária			< 0,0001*
15 a 20 anos	82	65,1	
21 a 29 anos	30	23,8	
Acima 30 anos	11	8,7	
NI (Não informado)	03	2,4	
Cor/Raça			< 0,0001*
Branco (a)	11	8,7	
Amarelo	01	0,8	
Indígena ou de origem indígena	07	5,6	
Preto (a)	18	14,2	
Pardo (a)	82	65,1	
NI (Não informado)	07	5,6	
Estado conjugal			< 0,0001*
Solteiro	72	57,1	
Casado/união estável	44	34,9	
Separado/divorciado	05	4,0	
NI (Não informado)	05	4,0	

*Qui-quadrado – estatisticamente significativo

Quanto ao conhecimento sobre as formas de transmissão de doenças, os acertos parciais alcançaram os maiores percentuais para todas as perguntas, e a diferença entre as categorias de respostas foi estatisticamente significativa ($p < 0,0001$). Observou-se conhecimento limitado sobre as formas de transmissão e cura de doenças como, Aids, sífilis, hepatite, dengue, malária e gonorreia (Tabela 02).

Tabela 02: Conhecimento sobre a forma de transmissão de algumas doenças

Formas de transmissão de doenças	Participantes (n=126)		p-valor*
	n	%	
Transmissão por insetos como mosquito			< 0,0001*
Acertou completamente	33	26,2	
Acertou parcialmente	80	63,5	
Errou	09	7,1	
NI (Não informado)	04	3,2	
Transmissão por usar banheiros públicos			< 0,0001*
Acertou completamente	04	3,2	
Acertou parcialmente	68	53,9	
Errou	46	36,5	
NI (Não informado)	08	6,4	
Transmissão por compartilhar seringas ou agulhas			< 0,0001*
Acertou completamente	08	6,4	
Acertou parcialmente	100	79,4	
Errou	09	7,1	
NI (Não informado)	09	7,1	
Transmissão por não usar preservativos nas relações sexuais			< 0,0001*
Acertou completamente	07	5,5	
Acertou parcialmente	109	86,5	
Errou	03	2,5	
NI (Não informado)	07	5,5	
Existe cura para Aids, sífilis, hepatite, dengue, malária e gonorreia			< 0,0001*
Acertou completamente	12	9,5	
Acertou parcialmente	100	79,4	
Errou	09	7,1	
NI (Não informado)	05	4,0	

*Qui-quadrado – estatisticamente significativo

Sobre a transmissão do HIV, observou-se percentuais elevados de acertos das afirmações, evidenciando que a maioria dos participantes da pesquisa têm algum conhecimento sobre as formas de transmissão do HIV, mas ainda assim, houveram respostas não condizentes com a realidade. A diferença entre as categorias de respostas para todas as afirmações foi estatisticamente significativa ($p < 0,0001$). Ressalta-se, a necessidade de levar maiores informações e conhecimentos sobre o tema.

Tabela 03: Conhecimento sobre a transmissão do HIV

Afirmações sobre o HIV	Participantes (n=126)		p-valor*
	n	%	
É possível reduzir o risco de transmissão do HIV se uma pessoa tiver relações sexuais com parceiro fiel e não infectado.			< 0,0001*
Concordo	73	58,0	
Discordo	27	21,4	
Não sabe	17	13,5	
Não informado	09	7,1	

Uma pessoa com aparência saudável pode estar infectada pelo HIV.			< 0,0001*
Concordo	93	73,8	
Discordo	12	9,5	
Não sabe	15	11,9	
Não informado	06	4,8	
Usar preservativo é a melhor maneira de evitar que o HIV seja transmitido durante a relação sexual.			< 0,0001*
Concordo	115	91,2	
Discordo	02	1,6	
Não sabe	05	4,0	
Não informado	04	3,2	
Uma pessoa pode ser infectada com o HIV compartilhando talheres, copos ou refeições.			< 0,0001*
Concordo	30	23,8	
Discordo	60	47,6	
Não sabe	31	24,6	
Não informado	05	4,0	
Uma mulher grávida que esteja com HIV e recebe tratamento durante a gravidez diminui o risco de passar o HIV para o seu filho.			< 0,0001*
Concordo	60	47,6	
Discordo	25	19,8	
Não sabe	35	27,8	
Não informado	06	4,8	

*Qui-quadrado – estatisticamente significativo

Estudos apontam uma superioridade de conhecimento acerca das IST por parte dos jovens, quando comparados aos adultos, contudo, tal entendimento ainda é carente e insuficiente para as mudanças de comportamentos de risco para a aquisição de IST (CARVALHO *et al.*, 2020). Tal conduta se dá além do escasso conhecimento que deriva um pseudopensamento dos jovens quanto a invulnerabilidade às infecções, acarretando então em uma exposição ao risco sem a devida observação das consequências que podem ser advindas de tal ato (MURPHY *et al.*, 2001).

Quando perguntado, “Você sabe o que são infecções sexualmente transmissíveis (IST)?”, 74 (58,7%) assinalaram “sim” (Tabela 04). Entretanto, quando perguntado: “Como é possível pegar (contrair) alguma IST?”, 63 (50,0%) assinalaram “fazendo sexo sem proteção”, essa opção foi assinalada de forma isolada pelos participantes e 95 (75,4%) assinalaram essa opção juntamente com outras opções (Tabela 04), ou seja, apenas a metade dos participantes apontou uma opção assertiva. Evidencia-se, que há necessidade de mais informações sobre as formas de transmissão, além da conscientização sobre a necessidade do uso de preservativo em todas as relações sexuais. Uma vez que, muitos indivíduos consideram-se suficientemente informados, a ponto de não perceberem o risco de adquirir IST/HIV.

Tabela 04: Conhecimento sobre transmissão de IST

Perguntas sobre transmissão de IST	Participantes (n=126)		p-valor*
	n	%	
Você sabe o que são Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)?			< 0,0001*
Sim	74	58,7	
Não	32	25,4	
NI	20	15,9	
Como é possível pegar (contrair) alguma IST?			< 0,0001*
Fazendo sexo sem proteção ou compartilhando seringas	63	50,0	
Compartilhando a mesma toalha de banho	03	2,4	
Bebendo água no mesmo copo que uma pessoa infectada	07	5,5	
Beijo e abraço	01	0,8	
Sexo sem proteção e as outras opções	34	27,0	
NI (não informado)	18	14,3	

*Qui-quadrado – estatisticamente significativo

Os jovens possuem conhecimento sobre a transmissão das IST, como por exemplo, a forma de transmissão por sexo genital, oral, anal, pelo uso de drogas injetáveis quando há compartilhamento de seringas, mas é evidente que os jovens não têm informações consistentes sobre o tema, tal fato pode ocorrer devido a ineficiência de campanhas de prevenção e a necessidade de se implementar novas estratégias de ensino para essa nova juventude “cibernética”, que tem a informação na palma da mão mas não sabe usá-la de forma adequada.

Quanto à ocorrência de sintomas de IST (Tabela 05), observou-se que, 36 (28,6%) dos participantes informaram que já apresentaram algum sintoma.

Tabela 05: Conhecimento sobre ocorrência de IST

Perguntas sobre ocorrência de IST	Participantes (n=126)		p-valor*
	n	%	
Você já teve alguma vez na vida alguns dos seguintes sintomas nos órgãos genitais?			< 0,0001*
Não	60	47,6	
Corrimento	21	16,7	
Feridas	02	1,6	
Bolhas	04	3,2	
Verrugas	00	00	
Mais de um desses sintomas	09	7,1	
NI (não informado)	30	23,8	
Na última vez que você teve esses sintomas, você fez algum tratamento?			< 0,0001*
Sim	25	19,8	
Não	33	26,2	
Não lembra/NI (não informado)	68	54,0	
Quem foi a primeira pessoa que você procurou quando teve um desses sintomas?			< 0,0001*

Pai/mãe	06	4,8	
Profissional de saúde (enfermeiro, farmacêutico, médico)	31	24,6	
Amigo	04	3,2	
Não procurou atendimento	21	16,6	
NI (não informado)	64	50,8	
Que orientações você recebeu quando teve um desses sintomas?			< 0,0001*
Usar regularmente preservativo	45	35,7	
Informar aos parceiros	27	21,4	
Fazer teste de HIV	29	23,0	
Fazer teste de sífilis	23	18,3	
NI (não informado)	02	1,6	

*Qui-quadrado – estatisticamente significativo

Ainda acerca do conhecimento sobre IST, foram apresentadas algumas afirmações (Tabela 06). Embora a maioria dos participantes tenha assinalado o que de fato é correto para a maioria das afirmações, ainda há um desencontro de informações, evidenciando conhecimento deficiente sobre o tema.

Tabela 06: Conhecimento sobre Infecção Sexualmente Transmissível (IST)

Afirmações	Participantes (n=126)		p-valor*
	n	%	
Todas as Infecções Sexualmente Transmissíveis têm cura.			< 0,0001*
Verdadeiro	34	27,0	
Falso	76	60,3	
NI (não informado)	16	12,7	
A camisinha feminina não pode ser usada ao mesmo tempo com a camisinha masculina.			< 0,0001*
Verdadeiro	46	36,5	
Falso	61	48,4	
NI (não informado)	19	15,1	
Nas relações sexuais desprotegidas se houver a presença de sangramento, como menstruação no momento do ato sexual, o risco de infecção pelo HIV aumenta.			< 0,0001*
Verdadeiro	93	73,9	
Falso	22	17,4	
NI (não informado)	11	8,7	
Existe vacina para a prevenção das IST como Aids, sífilis e gonorreia.			< 0,0001*
Verdadeiro	67	53,2	
Falso	47	37,3	
NI (não informado)	12	9,5	
Pílula anticoncepcional é um método eficaz que previne as IST.			< 0,0001*
Verdadeiro	21	16,7	
Falso	96	76,2	
NI (não informado)	09	7,1	

*Qui-quadrado – estatisticamente significativo

Quanto à busca de informações sobre IST, observou-se que a grande maioria utiliza a internet isolada ou juntamente com outro veículo de informação (Tabela 07).

Tabela 07: Busca de informações sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)

Perguntas	Participantes (n=126)		p-valor*
	n	%	
Qual o meio de obtenção de informações que você mais usa?			< 0,0001*
Internet	84	66,7	
Jornal impresso	02	1,6	
TV	07	5,5	
Livros	02	1,6	
Rádio	02	1,6	
Internet e outro meio de informação	17	13,5	
NI (não informado)	12	9,5	
Você já pesquisou sobre IST?			0,8465
Sim	45	35,7	
Não	40	31,7	
NI (não informado)	41	32,6	
Se SIM para a pergunta anterior, as informações esclareceram suas dúvidas? (n=45)			< 0,0001*
Sim	37	82,2	
Não	08	17,8	

*Qui-quadrado – estatisticamente significativo

Atualmente, a população vem buscando informações na internet e esse meio de comunicação se mostra acessível à maioria, podendo ser uma aliada no compartilhamento de informações verdadeiras sobre as IST, suas formas de transmissão e principalmente, a prevenção, uma vez que, disponibiliza ao usuário, informações de maneira rápida a respeito de qualquer assunto. No entanto, por vezes, as informações podem ser falsas, desconexas e sem revisão apropriada para publicação. Assim, aponta-se para a necessidade dos estabelecimentos de ensino e a família, oportunizarem aos jovens, estratégias que busquem desenvolver a capacidade de filtrar o que está sendo disponibilizado.

Considerando que muitas vezes há a ausência da família na discussão desse tema, ratifica-se a importância do ambiente escolar como fomentador de conhecimentos sobre IST, pois é na escola que o estudante permanece a maior parte do seu tempo, passando por momentos de troca de informações por convívio social e relacionamentos amorosos. Discutir com alunos no ambiente escolar acerca da sexualidade e saúde sexual é uma prática garantida por documentos nacionais e internacionais (SFAIR *et al.*, 2015), inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que estabelecem a orientação sexual como um tema transversal (BRASIL, 1998). Ressalta-se que as estratégias de construção de conhecimento sobre IST não

devem ocorrer somente de forma eventual e isolada, mas, paulatinamente, visando a progressão contínua no cotidiano, uma vez que, o nível de aceitação das informações repassadas pela televisão, internet e pelos demais meios de comunicação compõem a linha de argumentação de muitos jovens.

O uso de estratégias lúdicas para atingir objetivos de educação em saúde mostra-se como uma ferramenta útil e receptível pelos usuários (SCHALL, 1994 *apud* TOSCANI, 2007). Além disso, quando a interação e discussão de problemas são priorizados pode-se criar oportunidades para a geração de novas atitudes de prevenção (TOSCANI, 2007). No campo do ensino-aprendizagem se faz importante a adoção de novas tecnologias a fim de proporcionar uma maior compreensão do conteúdo apresentado, oportunizando também maior engajamento e conscientização do indivíduo em temas como transmissão de doenças, em muitos casos decorrentes da falta de informação.

Com a adoção de práticas eficazes de disseminação de informações sobre IST e condutas que priorizem a percepção de risco, mudanças no comportamento sexual e adoção de medidas preventivas com ênfase na utilização adequada do preservativo, será possível minimizar a alta incidência e prevalência das IST. Além disso, as atividades de aconselhamento das pessoas com IST e seus parceiros durante o atendimento são fundamentais, no sentido de que, percebam a necessidade de maior cuidado, protegendo a si e a seus parceiros, prevenindo assim a ocorrência de novos episódios e promovendo mudança do cenário atual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que os participantes da pesquisa têm conhecimento limitado sobre as formas de transmissão de IST. Embora 58,7% tenham assinalado saber o que é IST, apenas 50% foram assertivos quanto à forma de transmissão. Ressalta-se, a necessidade de levar mais informações e conhecimentos sobre o tema, além da conscientização sobre a necessidade do uso de preservativo em todas as relações sexuais. Uma vez que, muitos consideram-se suficientemente informados, a ponto de não perceberem o risco de adquirir IST, aumentando ainda mais a sua vulnerabilidade.

Quanto à busca de informações sobre IST, observou-se que a grande maioria utiliza a internet isolada ou juntamente com outro veículo de informação e por ser um meio acessível pode se tornar uma aliada no compartilhamento de informações verdadeiras sobre IST.

Observou-se que as escolas necessitam implementar ações de educação em saúde com o uso de metodologias que promovam a aproximação e participação dos estudantes, como estratégias de conscientização, a fim de fomentar a prevenção, pois nem sempre o tema IST é

tratado de forma adequada em sala de aula, visto que, é cercado de tabus, gerando muitas vezes constrangimentos. A adoção de estratégias que proporcionem maior compreensão, conscientização e engajamento poderá criar oportunidades para a geração de postura de cuidado.

O modelo CAP adotado mostrou-se adequado para o desenvolvimento do estudo, pois permitiu verificar o conhecimento dos estudantes sobre IST.

O uso de atividades lúdico-educativas oportunizou aos participantes, a obtenção de informações sobre IST, principais sinais e sintomas e formas de prevenção, possibilitando ainda, o esclarecimento de dúvidas contribuindo para a desmitificação sobre o tema. Essas informações são fundamentais, pois as IST ocorrem no mundo inteiro e apresentam elevada prevalência e incidência principalmente, entre os jovens.

REFERÊNCIAS

- ABEN. Metodologias para o trabalho educativo com adolescentes. **Revista Adolecer**. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/revista/cap6.3.html>, Acesso em 22, mar, 2022.
- AYRES, M.; AYRES JUNIOR, M.; AYRES, D. L.; SANTOS, A. A. S. **BioEstat 5.3:aplicações estatísticas nas áreas das ciências biomédicas**. Sociedade Civil Mamirauá: Belém. Pará-Brasil. 2007. 324p.
- BARRETO, A.C.M.; SANTOS, R.S. A Vulnerabilidade da adolescente às Doenças sexualmente transmissíveis: contribuições para a prática da enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm** 2009 out-dez; 13 (4): 809-16
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV e Aids**. Brasília. 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. **Portal sobre AIDS, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais**. Brasília, 2015b. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. Resolução 466/2012. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.
- BRAVERMAN, P. K. Sexually transmitted diseases in adolescents. **Med Clin North Am** 2000; 84:86989. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0025712505702650?via%3Dihub#bib10>.
- CABRAL, J. V. B; OLIVEIRA, F. H. P. C.; MESSIAS, D. C. A.; SANTOS, K. L. L. M.; BASTOS, V. A percepção de vulnerabilidade da população adolescente sobre o HIV/Aids. **Rev. Espaço para a Saúde** 2016; 17(2):212-19
- CAMARGO, B. V.; GIACOMOZZI, A. I.; WACHELKE, J. F. R.; AGUIAR, A. Vulnerabilidade de adolescentes afrodescendentes e brancos em relação ao HIV/Aids. **Estud. psicol. (Campinas)**, v.27, n.3, p. 343-354, set, 2010.
- CARVALHO et al. Conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis de discentes de instituições públicas de Santarém, Pará, Brasil. In: Silva-Neto, B. R. **Inovação Tecnológica e o domínio das técnicas de investigação na medicina**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.
- DOAK, C. C; DOAK, L. G.; ROOT, J. H. Applying theory in practice. In: DOAK, C.C.; DOAK, L.G.; ROOT, J.H. **Teaching patient with low literacy skills**. 2.ed. Philadelphia: J.B. Lippincott Company. Cap.2, p.11-26, 1995.

MACIEL, K. M. N. et al. Caracterização do comportamento sexual entre adolescentes. **Rev. Enferm. UERJ**, p. [e23496]-[e23496], 2017.

MÉDICINS DU MONDE. **The KAP Survey Model** (Knowledge, Attitudes and Practices). Disponível em: https://www.springnutrition.org/sites/default/files/publications/annotation/spring_kap_survey_model.pdf Acesso em dez. de 2022.

MURPHY et al. Highly Active Antiretroviral Therapy Decreases Mortality and Morbidity in Patients with Advanced HIV Disease. **Annals of Internal Medicine** Logo. 2001.

NEWMAN, L. et al. Global estimates of the prevalence and incidence of four curable sexually transmitted infections in 2012 based on systematic review and global reporting. **PLoS one**, v. 10, n. 12, p. e0143304, 2015.

OLIVEIRA, M. L. C.; GOMES, L. O.; DA SILVA, H. S.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. Conhecimento, Atitude e Prática - conceitos e desafios na área de educação e saúde. **Rev. Educ. Saúde** 2020; 8 (1): 190-198

SFAIR, S.; BITTAR, M. & LOPES, R. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902015000200620&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 27, nov. de 2022.

SILVA, C. M. et al. Prevalência de HIV em crianças/adolescentes em um centro de referência no sul do Brasil. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde**, v. 3, n. 3, 2017

SILVA, M. S. O. et al. Dificuldades em se realizar ações de prevenção e diagnóstico sobre a percepção de infecções sexualmente transmissíveis (IST'S): Relato de experiência. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 13589-13595, 2020.

TOSCANI, N. V. et al. Desenvolvimento e análise de jogo educativo para crianças visando a prevenção de doenças parasitológicas. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** Educ., v.11, n.22, 281-294, 2007.